



# **A** CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira  
Manuel Ferro  
Coordenação

Harold Livermore

*Universidade de Cambridge*

## A LÍRICA CAMONIANA EM VERSÕES INGLESAS

Ninguém sabia melhor que Camões que cada grande literatura precisa de um génio representativo, o *martes spirit*, para guiar os seus destinos. A fama de Homero e de Virgílio sobreviveu à morte dos deuses da Antiguidade. O triunfo da nova religião não impediu que poetas e gramáticos cristãos ensinassem a obra de Virgílio. Quando Dante foi consagrado como mestre dos poetas pós-clássicos e modelo para toda a Itália seguia uma senda marcada desde longe.

Para os portugueses, a supremacia de Camões está ligada com o tema dos Lusíadas, tecendo a figura culminante dos Descobrimentos na tapeçaria da história nacional. No momento em que a Europa saía da introspecção medieval para tomar conta da plenitude da experiência humana, Camões soube dar vida nova à forma antiga. Entre os contemporâneos, Ronsard encheu a *Franciade* de lendas fictícias dum passado bárbaro, e Ercilla y Zúñiga na *Araucana* imaginou um mundo fantástico para os índios chilenos, abandonando a tradição poética da clássica Europa. Camões era o poeta moderno no tema, clássico na tradição literária.

Se, para o mundo anglófono e americanófono, é o menos conhecido dos grandes poetas, podem-se avançar várias explicações, entre elas a insuficiência das traduções. É verdade que *Os Lusíadas*, rapidamente conhecidos na Espanha, tiveram a versão inglesa de Richard Fanshaw em 1655. Fanshaw, um dos beneméritos do meu colégio de Cambridge, que celebra em 1996 o quicentenário da sua fundação, teve um papel importante nos negócios com a Espanha para o reconhecimento da independência portuguesa e na Restauração da monarquia inglesa e no casamento de Carlos II com D. Catarina de Bragança. Gostou de obras de grande extensão, porque também nos deixou traduções de *Pastor Fido* de Guercino e duma comédia espanhola, não das mais breves, de Hustado de Mendoza. Tem-se discutido a questão do seu conhecimento da língua portuguesa, que diz ser 'pouco cortesá', ou não usual entre diplomatas. O Dr. Walker tem demonstrado que Fanshaw tinha à mão as obras de Faria e Sousa, escritas em espanhol, o que faz pensar que teria conhecido o primeiro camonista profissional em Madrid. Pelo menos conheceu o português melhor que Voltaire, que conhecia só Fanshaw, e não o texto de Camões, quando fez as suas observações sobre *Os Lusíadas*.

A versão de Fanshaw ficou sem competidor até 1776, quando William Julius Mickle publicou a primeira das suas várias edições. Para Mickle o aspecto mais importante

do poema era o tema, «*the greast subject of profane history the world had ever beheld*». A consequência dos descobrimentos portugueses foi a «*humanização da raça humana*», o nascimento do comércio universal. Tróia estava convertida em cinzas, o Império romano deixara de existir. A importância da obra de Gama seria confirmada, e até acrescentada, enquanto existia o mundo. Naturalmente, porque Mickle foi, se não empregado, pelo menos dependente da Companhia Inglesa das Índias, e (para citar um refrão camoniano) «*O abade, donde canta, dai janta*». As palavras de Mickle são citadas com elogio pelo professor Atkinson, falecido há dois anos e bom amigo nosso, que fez a sua versão d'*Os Lusíadas* em prosa. Ora, nem Mickle, ao introduzir no poema, versos seus, completamente alheios a Camões, nem Atkinson, ao publicar a sua versão, respeitou o facto essencial, que Camões era o grande poeta da língua portuguesa. Nem eles, nem Voltaire prestaram atenção ao facto, também essencial, de que Camões, antes de ser épico, era um famoso poeta lírico.

A lírica camoniana só aparece em inglês (se não me engano) com William Hayley, que incluiu algum soneto de Camões nas *Obras completas* publicadas em 1785. Hayley emprestou o livro ao jovem Lord Strangford, que ofereceu ao público inglês as suas próprias traduções em 1803. Observa que Mickle não conhecia estas «*composições menores*». Explica que o trabalho foi «*a diversão preferida dum jovem obrigado por falta de saúde a abandonar estudos mais exigentes e que preferira as bagatelas literárias à inactividade completa*». A sua doença só durou o tempo necessário para permitir a publicação dum pequeno tomo com 20 sonetos, alguns líricos tradicionais, parte da elegia “O Poeta Simónides” e um fragmento tomado d'*Os Lusíadas*. Cometeu o erro, já tradicional, de considerar as poesias como fonte principal para escrever a vida do poeta. Infelizmente, sete dos vinte sonetos (N<sup>os</sup> 3, 7, 8, 14, 16, 17 e 20) não são de Camões. Também não é de Camões grande parte da vida que lhe atribuíam. É claro que Strangford não foi o único em exercer a sua imaginação na caça de Catarina; outro refrão de Camões diz

“que quem porcos ha menos  
em cada moita lhe roncam.”

Diz-se que o trabalho do jovem e doente Lord Strangford agradou tanto ao Rei Jorge III que lhe mereceu a posição de secretário na embaixada Britânica em Lisboa, começo duma carreira que o levou a encarregado, ministro no Brasil e embaixador. Teve oito edições, em parte porque Strangford imitava o estilo de Tom Moore, autor de canções irlandesas sentimentais, popular, mas pouco parecido com Camões, que não é um poeta sentimental. Robert Southey, bom prosista, e autor duma História do Brasil e duma História de Portugal, que ficou sem acabar e inédita, e Poeta Laureado, clarificou as versões de Strangford como «*Donnybrook*», feira popular irlandesa aonde acudiam os menestrais de Dublin. Lord Byron censurou o jovem diplomata, lembrando os limites impostos pelo bom gosto e pela moralidade.

“Be warm, be pure, be amotous, but be chaste,”

Se o casto Lord Byron censura Strangford desta forma, só poderia ser por causa do episódio da Ilha dos Amores. Se me permitem uma ligeira digressão, penso que o

célebre episódio tem um fim puramente político. O poema de Camões vai dedicado ao rei D. Sebastião, que seria portanto o primeiro leitor. O grande erro de D. Sebastião, ainda adolescente, consistia na falta de interesse no matrimônio e na procriação. Camões seguramente queria provocar no leitor o impulso natural num jovem monarca obcecado pela ideia da Cruzada. Só isto explica a tolerância de Frey Bartolomeu Ferreira, homem inteligente e seguramente consciente do perigo que ameaçava o futuro da dinastia de Aviz e a independência do País. É possível que o episódio fosse inserto no poema num momento relativamente tardio da sua gestação.

A personalidade fictícia prestada a Camões por Strangford pode explicar o título *Poems from the Portuguese*, empregado por Elizabeth Barrett Browning em 1848. Não menciona o nome de Camões, que teria inspirado a poetisa ao compor quarenta sonetos fastidiosos no estilo de Shakespeare para imortalizar seu amor por Robert Browning, que, como marido exemplar, teve que suportar o bombardeio amoroso.

Strangford afirmou a sua fidelidade a Camões, que «*imitava estreitamente*», «*fiel ao seu sentido, mas ainda mais à sua fama*», Byron observou que «*as cousas dadas ao público como poesias de Camões, não se encontram no original português mais do que no Canto do Rei Salomão*». A mesma opinião pouco entusiasta está expressada por Sir Richard Burton (1821-1890), ao publicar dois tomos de *Lyricks* em 1884. Burton viajou no Oriente e no Brasil, onde era cônsul inglês em Santos. Viu muitas regiões da terra recorridas por Camões, que considerou o seu herói e Mestre. Poucos, desde Faria e Sousa, têm protestado com tanto fervor a sua devoção ao poeta. Burton pretendia traduzir o estilo, o idioma, as impressões feitas por Camões, conservando a fidelidade e a “literalidade”. Na verdade, não só abandona o Mestre, mas adopta um inglês que nunca existiu e que, posso afirmar, nunca existirá fora das páginas de Burton. A sua mulher, Lady Isabel, que o acompanhava no Brasil e que editou *Os Lusíadas* burtonianos «*temblava de medo que fossem estéticas demais para o público inglês*», sem conhecer o apreço acordado às «*commoner translations*», traduções mais vulgares. Declara que quando Burton parece inventar palavras não faz mais do que imitar exactamente o que escreveu Camões, «*em cada singularidade ou excentricidade aparente o Discípulo segue fielmente o Mestre*». Para o Não-Esteta ou Não-Poeta, *Os Lusíadas* de Burton ficaram um país desconhecido, uma língua desconhecida.

Burton não teve mais consideração para os seus predecessores do que Byron e Shelley ao falar de Strangford. Só faz excepção para o seu amigo J.J. Aubertin, engenheiro que trabalhava em S. Paulo na mesma época. Aubertin traduziu *Seventy Sonnets* (1881), que Burton chama um «*dainty volume*», tominho bonito, e «*triumfo do literalismo que deixa os antecessores na sombra*».

Não quero dar a impressão de que os tradutores ingleses não faziam mais do que dizer mal uns dos outros. Em geral, as versões inglesas são dos sonetos. Alguns sonetos de Camões são imitações de Petrarca, às vezes superiores aos modelos. Mas seria difícil que o leitor inglês reconhecesse essa superioridade sem conhecer o original. Burton dedica todo um volume aos sonetos: são 360 sonetos em “burtonês”. Quer dizer 163 mais do que os 197 admitidos por J. M. Rodrigues e Lopes Vieira. Como será a biografia tirada dos poemas se a metade dos sonetos utilizados não são do poeta?

Há um certo desequilíbrio entre o número, excessivo, de sonetos no primeiro tomo e as canções, odes e sextinas que ocupam o segundo tomo, com a exclusão de éclogas e elegias, que formam o melhor e mais original da lírica camoniana. A versão

de Burton não peca por falta de erudição; faz a comparação com Petrarca, explica o desenvolvimento do soneto, a ideia das Musas, a carreira do poeta, a evolução da *canzone* desde os trovadores provençais, etc., etc. Mas se nos assegura que não toma liberdades com o texto de Camões, nada diz das liberdades tomadas com a língua inglesa. Para dar só dois exemplos;

<p>“vão as serenas agoas do Mondego descendo e mansamente até o mar não param.</p> <p>Vinde cá meu tam certo secretário</p>	<p>“The gentle waters flow Mondego-dale downflowing nor rest soft-railing till with brine they blend.</p> <p>Come here! my confidential secretary of the complaints in which my days are rife</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

PAPER - whereon I gar my griefs o'erflow.  
Tell me, we twain, unreasons which in life  
deal me inexorable, contrary  
destinies surd to prayer and tearful woe  
dash we some water-drops or muchel lowe  
fire we with outcries storm of rage so rare  
that shall be stange to mortal memory...”

Deixo sem comentário estas esquisitas produções. O próprio Burton diz que se não tem mais leitores, ele mesmo será suficiente. E a paciente Lady Isabel exclama: «*Se mil pessoas compram o livro, haverá uma centena que o leiam e haverá dez que o entendem. Fico consolada com a certeza de que o livro será a joia da biblioteca desses dez.*»

Os tradutores do século dezanove deixaram-se seduzir pela ideia de enriquecer a sua própria literatura com uma nova obra mestra, como Chapman e Pope com as suas versões de Homero. Mas a posição de Homero fora assegurada num passado distante. No caso de Camões, a tarefa era, e é, outra. É a de manifestar para um público inglês, ignorante da língua de Camões, o que o poeta fez e como realizou o seu pensamento em palavras. Se a saúde de Strangford não podia suportar o esforço, a insistência de Burton nas qualidades heróicas de Camões, o seu “saudável realismo masculino”, «*healthy masculine realism*», é um tema para médicos, e pouco tem que ver com poesia. O culto de Burton duma figura-mestre está bem. Mas a fidelidade do tradutor não é com o homem-Camões, mas com a sua obra. *Manent verba.*

A transferência duma obra poética de uma língua a outra não pode ser perfeita, mas nem por isso tem que falhar. Não pode existir uma “teoria da tradução”, como não pode existir uma teoria da literatura. O tradutor tem que resolver um complexo de problemas empregando todos os recursos que pode possuir. A sua primeira arma é um bom conhecimento da língua própria. Visitar Goa e Macau nos passos de Camões é uma admirável prova de lealdade, mas o verdadeiro caminho do tradutor só segue as *ipsissima verba* do poeta. Não posso fazer um catálogo das dificuldades principais. O estilo é essencial, e o estilo no inglês não pode ser igual ao estilo do português. Se Strangford, na opinião de Southey, cultivava excessivamente a lírica popular irlandesa, Burton inventou um estilo próprio. Mas as línguas não são estáticas,

e muitos coloquialismos correntes são destinados a desaparecer. Na Carta de Ceuta, Camões faz a defesa da língua popular, como veículo do teatro e da canção popular. Também emprega classicismos que agora não são correntes. Às vezes adota formas populares que tem cedido ante outras mais filologicamente correctas. O tradutor inglês não pode resolver problemas ortográficos do português do século dezasseis. Creio que o mais prudente é de adoptar o estilo inglês corrente na época formativa do tradutor, menos as expressões rejeitadas na linguagem culta, e mais formas recentes universalmente aceites.

O problema da rima é essencial. O próprio Burton reconhece que o inglês, rico em vocabulário, é pobre em rimas, citando Chaucer «*ith rhyme in English hath such scarcity!*». Em português, a rima é fácil, sem mesmo recorrer a assonância, tão frequente em espanhol, nem aos *mariages* de convenance como *ame, femme, flamme*, em francês. A pobreza do inglês, formado de muitos dialectos sem método constante, é para desesperar. Palavras de uso quotidiano como month, mês, warmth, calor carecem em absoluto de rimas. Mesmo love, amor, tem só três ou quatro possibilidades. Qual seria a consequência para a poesia portuguesa, se as únicas rimas que correspondessem a amor, fossem pombo e luva. Os poetas modernos ingleses têm abandonado a rima, sem introduzir nada que a substitua, com a resultante perda de disciplina. Os americanos, quando continuam a empregar a rima, muitas vezes a fazem com efeito cómico ou caprichoso. Tais extravagâncias não existem no português de Camões, que tem efeitos cómicos, produzidos por outros meios.

Se a rima apresenta problemas, pode-se afirmar que quanto mais breve o verso, mais difícil de traduzir. O poeta americano tem uma boa tradução d'*Os Lusíadas*, mas a sua versão de Babel e Sião, incluída no mesmo tomo, é, para mim, muito menos límpida. A presença no português das inflexões verbais latinas está em conflito com a forte tendência do inglês para o monossilabismo. Geralmente, o inglês é mais económico, e o soneto, com igual número de sílabas, terá em inglês mais palavras, não obstante as contracções como da, no. É por conseguinte mais frequente que o verso inglês resulte mais conciso ou sucinto que o português. A tentação para o tradutor é de introduzir palavras que não estão no original, o rípio, defeito sempre difícil de resistir. O problema contrário, a omissão de uma palavra ou umas palavras porque não cabem no verso inglês, é menos frequente, e naturalmente representa um sacrifício que só se faz com relutância.

Finalmente, os câmbios que se produzem na própria língua inglesa exigem novas versões para substituir formas de locução envelhecidas. No século passado, quando se estudava latim, língua de grande flexibilidade na ordem das palavras, era possível manipular o verso inglês com maior liberdade; agora somos menos literatos, se não analfabetos, e a ordem de palavras impostas pelo discurso corrente, pela educação estatal e o predomínio da prosa jornalística, exige uma estrita conformidade com a ordem sujeito, verbo, complemento. As inversões como «*Arde por Galatea*», «*Burns (he) for Galatea*» são excluídas no inglês moderno.

#### ECLOGUE I

Burning for Galatea, white and fair,  
ruled by some dwindling star that holds him fast,  
our poor Sereno cries aloud his care.

The other fishermen their nets have cast  
 upon the Tagus. He only in dismay  
 casts this complaint upon the unheeding blast:  
 "How soon, fair maid, how soon shall dawn the day  
 when my foolish constancy perchance  
 fond vain before your eyes I may display?  
 Behold, my soul is fled. Held in a trance,  
 from those soft lips one smile I would obtain,  
 from those blue eyes entreat a single glance.  
 If any pity in your heart remain  
 or any trace of love, however slight,  
 make this exchange - by it you can but gain:  
 The heart you stole I grant to you outright:  
 I shall not claim it back. All I implore  
 is that on me a passing gaze alight.  
 If you consider this exchange too poor  
 and fortune disallow me this ????????  
 I'll add the pinions love gave me to soar.  
 Dear maid, what can I afford  
 even though for me the sea attire  
 with countless pearls this fair and dear sea?????  
 The waves grow still; the wind tempers its ire,  
 I only from my cares find no escape,  
 vain are my sighs, vain this inward fire.  
 When shrouds of mist at early morning drape  
 Arrábida, whose slopes are lost to the eye  
 until the rising sun reveal their shape,  
 other more beauteous beams do I descry  
 rays that from heaven borrow grace and light -  
 unseen I saw them, yet for them I sigh.  
 Oft have I watched the billows heave by night  
 to sighs of mine: oft, as my tears descend,  
 I've calmed them with the story of my plight.  
 As with the weight of woe my voice I blend  
 and as my oar bends on the pliant sea  
 by moonlight all my stock of cares I spend.  
 Sweet-natured dolphins hearken to my plea,  
 the waves grow still, the calm is set,  
 but you alone disdain to hear and flee.  
 Perhaps you scorn the fisher's simple net,  
 that sifts the deep, his bark borne on the wind,  
 perhaps the man ??????????????????????  
 Fortune may change and show herself more kind  
 before the sun has run his daily round,  
 as those who toil upon the sea oft find.  
 By some maybe the grains of gold are found

that generous Tagus strews upon the strand:  
for some her gift with deathless love is crowned.  
Cast down your eyes. Writ on the yielding sand  
behold the letters of your name, fair grace.  
Against the ? sea, long may they stand.  
Thus far the coursing wind dare not efface  
what three days since Love printed on the ground -  
???????????? all other powers he guards the place.  
From all the pretty shells that here abound  
he helped me choose the best, and (as he swore)  
for you alone the sun such hues has found.  
These stems of coral fresh from the sea I tore  
before the air could harden them. They say  
what from your lips - most implore.  
Happy ?????????????????????????????????